

Ricardo Aureliano - TCel. - PMPE

Apoio:



CONTATOS COM O AUTOR

Home Page: [www.aureliano.hpg.com.br](http://www.aureliano.hpg.com.br)  
E-Mail : [tcaureli@yahoo.com.br](mailto:tcaureli@yahoo.com.br)  
FONE: 081-997122714



Como enfrentar a  
violência na escola

# APRESENTAÇÃO

O presente trabalho surge em meio à necessidade de sistematizar um roteiro básico que possa esclarecer aos interessados em colaborar com o enfrentamento da violência nas escolas e que muitas vezes não sabem nem a quem recorrer ou como iniciar um trabalho dessa natureza, e o pior, partem para algum tipo de iniciativa com a percepção de que o problema é antes de tudo um problema policial, daí a miopia de recorrer ao aparelho policial como se fosse a única solução, ou a melhor solução, desconsiderando muitas vezes toda uma construção de cidadania necessária e desejada que foi inserida na Constituição Federal de 1988.

Surge da inquietação popular em face da violência urbana que atinge também a escola e conseqüentemente põe em risco a transmissão de valores culturais de toda uma nação

e das regras de convivência da sociedade, portanto da sobrevivência do ser humano.

Pretende ser mais uma colaboração com o Programa Paz nas Escolas, uma iniciativa do Governo Federal e que hoje conta com apoio de toda sociedade, iniciativa privada, profissionais liberais, funcionários públicos e público em geral.

Seu organizador é policial militar e pedagogo, com mais de vinte e quatro anos de experiência e serviços prestados, um dos responsáveis pela implantação de Direitos Humanos no currículo de formação dos policiais no Estado de Pernambuco, com a ajuda de Organizações Não –Governamentais como Movimento Tortura Nunca Mais, CENDHC e GAJOP. Sua dedicação às comunidades e sua nova visão de cidadania é fruto também do Curso de Direitos Humanos e Direito Internacional Humanitário para policiais brasileiros, uma iniciativa do Ministério da Justiça e do Comitê Internacional da Cruz Vermelha.

## AGRADECIMENTOS

Sem que vocês existissem e tivéssemos trilhado os mesmos caminhos este trabalho seria impossível:

FAFIRE: Kátia Cunha, Celma Duarte, Lourdinha. IEP: Terezinha Cavalcanti, alunos e professores. SEC. EDUC. PE: Éfrem Maranhão. MJ: Denise Paiva. MTNM: Amparo Araújo. PMPE: Maj Reginaldo, Cap Filipe, Soldado Brasileiro, Alunos do CFAP. GARANHUNS: Cleonice Vaz (e todos da DERE), Fernando Luna (e todos do Conselho Tutelar), Lailson Simplicio (e todos da União Estudantil), Maria S. Gomes (e todos da Escola Francisco Madeiros).

Agradeço em especial a você cidadão, que se junta a uma lista infindável de nomes que constituirão um grande grupo de pessoas insatisfeitas com a situação atual e que não apenas sonham, mas fazem com que o nosso país possa ser verdadeiramente UM ESTADO DEMOCRÁTICO DE DIREITO.

## VIOLÊNCIA NAS ESCOLAS

O clima de violência urbana vivenciada no cotidiano não isenta a escola dessa questão que atinge níveis insuportáveis para a população, retratada pelo sentimento de medo, insegurança, aliada a banalização da vida, numa crescente onda de assassinatos, assaltos à mão armada, seqüestros friamente retratados pela mídia e assistidos por uma população passiva e atônica diante de tanta crueldade. Nossas crianças carregam ao nascer uma carga pesada de um ambiente que beira ao caos e a degeneração de valores como solidariedade, respeito ao ser humano e a dignidade das pessoas, pilares de sustentação da sobrevivência da espécie.

A violência e seus reflexos não são privativos dos grandes centros urbanos; ela se faz presente em qualquer lugar, já que a era pós-moderna trouxe consigo a rapidez da informação que invade os lares diariamente com cenas

estranhadoras, reproduzidas no convívio dessas crianças, em jogos eletrônicos de lutas sangüinárias, nos brinquedos de armas, nos comportamentos com colegas, no relacionamento com os pais, no relacionamento com as demais pessoas.

Especificamente nas escolas, o reflexo da violência pode ser visto na depredação do patrimônio, carteiras escolares quebradas e riscadas com líquido corretivo, muros pichados, evocação às drogas, agressões a professores, dentre outras.

Inadvertidamente, as comunidades, na maioria das vezes, pressionadas pelo sentimento de medo, recorrem à polícia para o enfrentamento da violência nas escolas, e paradoxalmente isso permite que o Estado se utilize cada vez mais de medidas autoritárias realimentadoras do imaginário do medo (TEIXEIRA & PORTO, 1998) retratadas nas grades, alarmes, vigias despreparados, etc.

Enfrentar a violência na escola como caso de polícia é oportunizar a interrupção de um processo educativo de responsabilidade de profissionais de educação (diretor, professor, pedagogo, orientador educacional, psicólogo) e possibilitar que crianças/adolescentes venham a parar numa delegacia.

Pesquisas demonstram que os próprios policiais necessitam de um treinamento específico para o trato com crianças/adolescentes e quando engajados em experiências com comunidades, passam para uma postura ajudadora, de proteção e orientação, antes mesmo que incriminadora. Portanto, inseri-los na busca de soluções é necessário, porém, na perspectiva de aproximação e reformulação de posturas, na prática de uma polícia comunitária.

O enfrentamento da situação passa pelo correto e preciso conhecimento da realidade. Alguns estudos e pesquisas retratam a situação das escolas em vários estados brasileiros, em capitais e em alguns centros urbanos. É possível que na sua cidade, no seu bairro, na sua comunidade, não se tenha o conhecimento preciso dessa realidade. Muitos podem até saber de algumas verdades, mas não se tem sistematizado o problema para que todos possam dizer realmente o que acontece e em que proporções. É como se, mesmo que quisesse resolver, não se sabe nem por onde começar.

Algumas iniciativas particulares podem ter sido iniciadas e depois de algum tempo, por falta de acompanhamento e engajamento de todos, estão fadadas a morrerem, são pequenos esforços que feito “fogo de monturo” alardeiam, fazem um grande alarido e logo em seguida já não se sabe mais quem é o

responsável, quem iniciou, que ações ainda persistem, e daí restam apenas desilusões e reclamações, como se nada tivesse sido feito. De quem é a culpa ? Do Governo ? Antes de ficarmos na lamúria e na procura de culpados, convido a experimentarem os procedimentos adiante descritos, que se seguidos, com certeza resultarão em sucesso no enfrentamento da violência em sua escola.

Para isso é necessário acreditar, e alguns pressupostos são básicos para que a iniciativa tenha sucesso:

- **A questão da violência praticada por aluno, no interior da escola é muito mais um caso pedagógico que policial;**
- **Violência praticada por criança/adolescente fora da escola é caso pedagógico mais que policial e envolve a participação da sociedade (lugar de criança é na escola);**
- **Violência praticada por adultos fora da escola é problema policial;**
- **Somente um esforço conjunto e participativo pode levar a um compromisso dos atores (alunos, professores, pais, comunidade, autoridades) com a solução do problema;**

- **O esforço para a reversão do quadro atual deve buscar uma sustentabilidade para que os sintomas não retornem;**
- **Somente quando houver consenso no grupo quanto à aceitação dos pressupostos acima é que o trabalho deve ser iniciado.**

“O HOMEM PODE DUVIDAR DO QUE OUVI, POSSIVELMENTE DO QUE VÊ, MAS NUNCA DO QUE FAZ” (Epicuro)

# **ROTEIRO SUGERIDO**

- **Definindo os atores**
  - Os grupos de trabalho (quem vai compor o grupo de estudo)
  - A escola piloto (alvo da pesquisa)
- **Definindo as estratégias**
  - Metodologia de trabalho (pesquisa ação, participante...)
  - Locais de reunião, periodicidade
  - De quais recursos dispomos (do próprio grupo, parcerias...)
  - Cronograma de trabalho
- **Diagnosticando a realidade**
  - Delineando o problema; encontrando justificativas para a pesquisa
  - Definindo o instrumento (questionário, entrevista...)
  - Apresentação dos resultados (gráficos, tabelas...)
  - Interpretação dos dados
- **Traçando o Plano de Ação**
  - Metas
  - Ações
  - Atores
  - Prazos
- **Alocando recursos**
  - Materiais
  - Humanos
  - Financeiros (do grupo, algum financiamento)
- **Desencadeando as ações**
  - Em curto prazo
  - Em médio prazo
  - Em longo prazo
- **Monitorando os resultados**
  - Definindo o instrumento (filme, slides, escrita...)
  - Periodicidade (a cada seis meses, anual...)
  - Publicidade (Palestras, seminários, artigos...)

## DEFININDO OS ATORES

O primeiro passo é definir quem vai compor o grupo de trabalho inicial, por adesão à idéia de um estudo a várias mãos que possa diagnosticar e traçar estratégias para o enfrentamento da questão da violência nas escolas do município, ou do bairro, ou de uma comunidade. O ideal é ter um grupo com representatividade de pessoas que possam mais adiante além de estar envolvidas e comprometidas, poderem realmente atuar e modificar a realidade. Representantes de DERES, polícia, representantes de ONG, comunidade, conselhos tutelares, igreja, psicólogos, professores, alunos, dentre outros. Os grupos poderão ser subdivididos mais adiante por tarefas a serem executadas, o importante é que esse grupo passe a se sentir grupo e exercer sua cidadania, com consciência de grupo e sem corporativismos. Uma vez agregado ao grupo, cada integrante é mais grupo que o segmento que inicialmente representava.

Se em uma primeira reunião não houver a formação de um grupo suficiente (por representatividade de segmentos), pode-se marcar novas reuniões de adesão, aonde o projeto vai sendo explicado e conseguindo novas adesões.

Nas experiências vividas pelo autor, quer como estagiário de pedagogia pela Faculdade de Filosofia do Recife, quer como Comandante do 9º BPM em Garanhuns-PE, a inserção de policiais

militares em contato com as escolas, proferindo palestras, aplicando questionários, participando das reuniões, teve um efeito surpreendente, na medida em que os “medos” de conhecimento mútuo foram superados. Em depoimento, um PM com mais de dez anos de serviço chegou a afirmar que foi a primeira vez que ele teve um real contato com os problemas de uma comunidade. Alunos da escola pesquisada afirmaram que tinham uma impressão inicial muito negativa da polícia, mas no decorrer das palestras e visitas passaram a ver o policial como um amigo.

Em Pernambuco, o Major Reginaldo José de Oliveira implantou em seu batalhão no município de Palmares, um programa “PM – amigo da escola” em que policiais voluntários “adotavam” uma escola do bairro e freqüentemente proferiam palestras educativas e nas horas de folga retornavam para olhar pela escola. Atualmente essa experiência está em expansão.

É o próprio grupo que diante de um conhecimento, senso comum, dos problemas de sua comunidade escolhe a escola piloto para que seja iniciado o trabalho, a fim de que todos possam vivenciar a experiência e depois, cada componente sabendo de todos os passos, possa ser elemento multiplicador na formação de outros grupos em comunidades para examinar a situação de outras escolas. Pode-se partir conhecendo, o que já foi feito em algum lugar sobre o enfrentamento da violência na escola, alguma história de sucesso, alguma reportagem. É um exercício de busca mesmo.

O importante nessa fase é representatividade, heterogeneidade, e acima de tudo compromisso com continuidade.

## DEFININDO AS ESTRATÉGIAS

Importante nessa fase é definir por qual tipo de pesquisa o grupo quer optar, se por um estudo de caso, se uma pesquisa ação, uma pesquisa participante, etc. É bom que se esclareça a diferença entre as várias metodologias para que o grupo julgue a mais conveniente, dentro das possibilidades e experiência do grupo, sabendo que é apenas uma forma de abordagem, de se conhecer a realidade, pois o importante estará acontecendo a cada passo que é a participação e envolvimento das pessoas, criando uma consciência de cidadania a cada nova reunião.

Os grupos devem discutir sobre a periodicidade das reuniões, sua disponibilidade, melhores dias e horários, de forma a assegurar uma continuidade. É importante estabelecer de início um compromisso de honra em estar presente a cada passo para não fragmentar.

De início não se deve ficar sonhando com recursos vindos de fora, mas é a organização do grupo que dirá se os recursos iniciais serão do próprio grupo ou dependendo da capacidade de alocação, se conseguirá alguma parceria. Mas é hora de cada um se dispor com o que tiver, alguém disponibiliza seu computador, ou alguém se disponibiliza a digitar cada passo no computador de sua casa ou repartição, quem vai fornecer o papel, material para algum cartaz. O grupo deve optar também se vai tornar público que o fato está ocorrendo, se dará publicidade ou não, ou se

somente o fará quando os trabalhos estiverem bem andados, com a finalidade de sensibilizar outros segmentos.

Tão logo o grupo perceba que já se organizou o suficiente, convém estabelecer um cronograma de trabalho para que o projeto tenha início e tenha fim, ou seja para que não se fique fazendo “clubinho” de pessoas que se reúnem periodicamente mas que se diluem sem finalidade.

Importante é que se crie o hábito de tudo se redigir uma ata da reunião para facilitar a sistematização das informações no futuro. Trocar endereços e telefones para eventuais contatos e tirar dúvidas durante a semana, lembrar reuniões.

A cada reunião distribuir as tarefas de forma que sempre alguém esteja se comprometendo a fazer alguma coisa. Evitar que tudo recaia sempre na mesma pessoa. Deixe que as lideranças surjam naturalmente, esse não é um trabalho que dê status, carteirinha, títulos ou diplomas, o melhor será aquele que mais trabalhar e se dispuser em benefício de melhorar uma situação de violência na escola. Com esse pensamento, forma-se mais uma consciência de trabalho que de status.



# DIAGNOSTICANDO A REALIDADE

Visitar uma escola escolhida como piloto para a pesquisa, e através da observação e entrevistas com pessoas da escola fazer uma primeira tomada de situação, como fase exploratória da pesquisa. Ter acesso aos dados da instituição (quantidade de alunos, professores, dados sobre evasão e repetência, índices de aprovação, projeto pedagógico), descrever os problemas da escola tanto físicos, de conservação, como de insegurança, alunos problemas, metodologia dos professores, periodicidade das capacitações, evolução histórica da escola, aspectos da comunidade onde ela está inserida, se existe associação de pais, como eles participam, locais onde os problemas mais ocorrem, horários, como é o relacionamento com a secretaria de educação do município. Se possível fotografar aspectos tais como bancas escolares quebradas, paredes pichadas, banheiros quebrados, ou até mesmo uma boa situação de conservação para saber como a escola consegue isso. Ver se existe já algum estudo anterior, saber se existem dados da escola em alguma outra pesquisa ou na prefeitura ou na rede de ensino da qual faz parte. Tentar diagnosticar problemas relativos a drogas, agressões, roubos ou furtos nas proximidades, vendedores ambulantes etc...

Dar uma redação do tipo descritiva da realidade. Isto servirá para a DEFINIÇÃO DO PROBLEMA.

Como a forma de abordagem do problema optou pelo método científico, não se deve perder de vista a metodologia científica do tipo de pesquisa escolhido, portanto todo projeto tem JUSTIFICATIVA e DEFINIÇÃO DO PROBLEMA.

Na JUSTIFICATIVA, é hora de se dizer quais os motivos que levaram o grupo a se inserir conjuntamente no enfrentamento da violência nas escolas, qual a importância disso, qual a gravidade e urgência que o caso requer, quais as dificuldades que os responsáveis, seja prefeito, diretor de escola, comunidade tem enfrentado os problemas sozinhos, ou seja é a hora de valorizar que é importante e necessário que se saiba qual é verdadeiramente o problema para poder enfrenta-lo.

Para se conhecer o problema e como enfrentá-lo, é necessário que se faça opção pelo instrumento de pesquisa adequado. Se você quer medir uma distância, por exemplo, você tem que usar um metro. Se você quer medir o quanto pesa uma coisa, você tem que usar uma balança, assim por diante. Assim, dependendo do que você quer saber, você poderá optar por um questionário que lhe diz muitas coisas em pouco tempo, ou por entrevista que demora, mas lhe diz com mais detalhes. Por exemplo, para saber o que os alunos dizem do problema, é bom optar por um questionário. São muitos alunos e as perguntas quase que as mesmas. Para saber a opinião do Diretor da escola, o instrumento mais adequado é uma entrevista com um formulário de perguntas previamente estabelecidas, um certo roteiro, pois dará mais qualidade ao que se quer saber. Para saber a opinião dos professores, talvez um questionário mais específico com perguntas abertas e outras fechadas seja a melhor opção, e assim por diante. Com a comunidade, as reuniões participativas com registro em vídeo ou gravador podem ser uma boa opção.

Depois de definir o instrumento e monta-lo, faça um pré-teste, verifique a facilidade ou dificuldade de respostas, tempo para responder, alguma coisa que não ficou claro, etc. Comente

se pergunta: quantos questionários devem aplicar ? É claro que não é preciso aplicar o questionário a todos os alunos para se ter certeza do que pensam, se você aplicar a cerca de 30% dos alunos contemplando todos os turnos e séries você terá uma boa margem de confiança. Se o total de alunos for maior que dois mil na mesma escola, é bom usar uma tabela de estatística. Esta pesquisa é muito mais qualitativa que quantitativa. Lembre-se o melhor está acontecendo que é a interação e a consciência cidadã de enfrentamento da situação , por contágio de compromisso de pessoas.

É bom que o instrumento abra uma oportunidade para cada colaborador possa dar alguma sugestão de como enfrentar a questão da violência na escola, isso já irá compromete-lo com os resultados.

Para apresentar os resultados que o instrumento revela, é bom além de tabelas das respostas, recorrer a elaboração de gráficos. Programas de computadores servem muito bem para isso com gráficos de barras ou pizzas que dão um bom visual. É bom ter isso visível para que o grupo possa fazer uma interpretação conjunta.

Cada resultado deve ser interpretado conjuntamente pelo grupo que vem acompanhando desde o início, lembre-se que mais adiante você terá de prestar contas a todos os segmentos que foram questionados, entrevistados, interpelados. Prepare um bom visual para isso.

## TRAÇANDO UM PLANO DE AÇÃO

Agora que conhecemos nossa realidade, ou seja, A ESCOLA QUE TEMOS, poderemos conjuntamente pensar na ESCOLA QUE QUEREMOS. É um exercício conjunto e que requer cada vez mais representatividade, não somente de professores, mas de pais , alunos e comunidade. É hora em que o grupo precisará de maior heterogeneidade e de pessoas qualificadas para se comprometerem com as ações a serem desenvolvidas.

Sabemos quem somos, com todos os nossos problemas, e sabemos onde queremos chegar; é hora de pensarmos COMO CHEGAR LÁ, e O QUE É PRECISO FAZER, para depois sabermos quanto tempo leva, o que pode ser feito de imediato, em curto prazo, em médio prazo ou em longo prazo.

Tudo isso é preciso estar bem definido, bem delineado, do ponto de partida para o ponto de chegada.

Para cada meta traçada, temos que pensar nas ações a serem desenvolvidas para se atingir tal meta, quem vai fazer alguma coisa e em que tempo.

Vejamos um exemplo de METAS e AÇÕES:

- **Meta 1** – Democratizar o espaço público da escola

- **Ação 1** – Abrir a escola nos finais de semana para o acesso da comunidade a prática de esportes;
- **Ação 2** – Disponibilizar instalações físicas da escola para reuniões do Clube de Mães da comunidade;
- **Ação 3-** ...

E assim por diante...

Sugere-se que a partir dos problemas listados, tais como: drogas, pichações, galeras, atuação da polícia, relacionamento professor x aluno, relacionamento com os pais, dentre outros, sejam viabilizados seminários, ao mesmo tempo em que as sugestões vão surgindo e compondo um plano. Ao final de cada seminário, os atores podem se comprometer em tentar resolver o problema elencado.

## **ALOCANDO RECURSOS**

De maneira geral, cada meta e cada ação planejada implicará num custo, e isto precisa ser calculado para se ter certeza que será alcançada. Desde a tinta para pintar a escola, a introdução de computadores, a contratação de especialistas, por exemplo. Por isso se não sabemos o quanto é necessário aplicar, como podemos pedir ajuda ou captarmos recursos ? Se a escola precisa de uma pintura nova, quantos galões de tinta vão ser necessários, quanto isso custa, quem vai pagar essa conta ? Quanto custa a mão de obra para pintar a escola ? Os pais dos alunos vão se disponibilizar a pegarem no pincel e pintar a escola ? Pode ser uma alternativa, muitas escolas foram recuperadas pelos próprios alunos ou pais de alunos que tendo uma habilidade como pintores, carpinteiros, eletricitas, etc, se dispuseram a recuperar a escola.

Se ficar detectado a necessidade de treinamento de professores em alguma área específica, como por exemplo: em como ajudar alunos a saírem das drogas; onde treina-los ?, quanto isso custa ?, temos isso em nossa cidade ou será necessário ir para outra cidade treiná-los ? Ou traremos algum especialista para nossa cidade ?

Se por exemplo, nas nossas metas constava democratizar o espaço físico da escola, e nas nossas ações existia uma que falava em disponibilizar a quadra de esportes nos finais de semana para a comunidade, como está o estado de conservação da nossa quadra ?

Pode até ser que tenhamos apenas o terreno e queremos construir uma quadra, quanto isso custa e quem vai pagar ?

De posse dos custos, é hora de captar esses recursos e de pensar se podemos conseguir parcerias, financiamentos, ajuda de órgãos, da iniciativa privada, dentre outras opções.

É bom pensar se para andamento do projeto e acompanhamento sistemático, será necessário contratar alguma pessoa que possa gerenciar todas as ações e prestar contas ao grupo. Se todo o grupo continuará, se terá essa disponibilidade, se as reuniões continuarão e com que frequência.

## **DESENCADEANDO AS AÇÕES**

Se tudo já foi planejado e calculado os custos, é hora de trabalhar mesmo, partir para as ações mais emergenciais, no mais curto prazo. É a polícia quem vai policiar nas imediações da escola (nunca dentro), é a escola que precisa ser pintada, é uma reunião com a comunidade para instalar o conselho de mães ou de mulheres bordadeiras numa sala da escola, são as carteiras escolares que precisam ser consertadas, etc. De tudo é bom se ter um cronograma que já consta do planejamento anterior, em local bem visível com as ações a serem desencadeadas a curto, médio e longo prazo. Isso possibilitará um acompanhamento e todos passam a fiscalizar e ganharem confiança de que o projeto realmente está sendo consolidado. Muitas iniciativas morrem por falta de acompanhamento e uma iniciativa que não tem continuidade, dificulta, desacredita qualquer outra iniciativa futura. Se não tem coragem para fazer, é bom nem começar, o povo está cheio de promessas e coisas que só ficaram no discurso.

## **MONITORANDO OS RESULTADOS**

O sucesso de tal empreendimento depende também de um monitoramento e de prestação de contas à comunidade para que todos possam ver como era a situação e quais os resultados obtidos após a implementação de cada ação. Quais metas foram atingidas, que melhorias o esforço causou. Muitas comunidades reclamam que estudantes, organizações de pesquisa, governo, etc, passam na comunidade mas não voltam para apresentar resultados de suas pesquisas ou do que fizeram. Algumas iniciativas não são visíveis para a comunidade e isso se transforma numa barreira de aceitação de futuros projetos.

É necessário que o grupo defina como vai dar retorno de resultados à comunidade, como vai transmitir, através de qual instrumento, qual meio, de como vai dar publicidade a seus atos e também com que periodicidade o projeto será monitorado, já que as ações previstas foram a curto, médio e longo prazos.

Sua história de sucesso pode ser se transformar num incentivo para outras comunidades e revertermos esse quadro atual de violência nas escolas, acredite e bom trabalho!

## **COMPROMISSO CIDADÃO**

Comprometo-me como cidadão voluntário, perante minha comunidade, de envidar todos esforços no sentido de reverter o quadro atual de violência na minha escola, colaborando no que souber e no que puder, dedicando-me ao projeto Paz nas Escolas ora iniciado, prometendo ser um assíduo colaborador e fiel fiscalizador, como cidadão consciente e participativo.

Sei que do meu comprometimento e de minhas ações estarei construindo uma sociedade mais justa, um Brasil mais igualitário, uma comunidade mais solidária que assegurará o futuro de nossas crianças.

## **BIBLIOGRAFIA**

BRASIL, Governo Federal. **Plano Nacional de Segurança Pública**. Brasília, 2000.

CORREIA, Ricardo Aureliano de B. **Insegurança e Violência na Escola**. Recife: FAFIRE, 1999. (monografia)

DALLARI, Dalmo de Abreu. **Estado de Direito e Cidadania**. IN: Universidade e Sociedade. Brasília: ANDES. Ano VII.n.14.1997.

GIL, Antônio Carlos. **Como Elaborar Projetos de Pesquisa**. São Paulo: Atlas, 1998.

TEIXEIRA, Maria C. Sanches & PORTO, M. do Rosário S. **Violência, Insegurança e o Imaginário do Medo**. IN: Na Mira da Violência – a escola e seus agentes. Campinas: UNICAMP, Cadernos CEDES, ano XIX, n.47.dez 98.